

Lauro Accioly Filho



Universidade Estadual da Paraíba

E-mail: lauroaccioly.br@gmail.com

Resenha do
Livro: BUTLER,
Judith. Discurso
de ódio: uma
política do
performativo.
São Paulo:
Editora Unesp,
2021

Book Review:
BUTLER, Judith.
Hate Speech:
A Politics of the
Performative.
São Paulo:
Editora Unesp,
2021

Artigo

I. Bacharel e mestrando em Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba, com período sanduíche na American University em Washington D.C. com bolsa da FAPESQ-PB. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1294-9366>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4136167137208869>. E-mail: lauroaccioly.br@gmail.com

Palavras-chave

Discurso de ódio;
Performatividade; Censura;
Democracia.

Keywords

Hate speech;
Performativity; Censorship;
Democracy.

Resumo

O livro “Discurso de Ódio: Uma Política do Performativo”, de Judith Butler, explora a interseção entre linguagem, poder e injúria, analisando o discurso de ódio como uma forma de interpelação que fere e constitui sujeitos. Butler critica tanto a censura quanto a liberdade de expressão irrestrita, propondo a recirculação como forma de combater os efeitos prejudiciais do discurso de ódio.

Abstract

The book “Hate Speech: A Politics of the Performative” by Judith Butler examines the intersection of language, power, and injury, analyzing hate speech as a form of interpellation that harms and constitutes subjects. Butler critiques both censorship and unrestricted freedom of expression, proposing the recirculation of hate speech as a means to expose its harmful effects.

No livro “Discurso de Ódio: Uma Política do Performativo”, Judith Butler examina a complexa relação entre linguagem, poder e injúria, realizando uma crítica contundente sobre a totalidade da “liberdade de expressão” e sublinha a não subjugação do direito à igualdade pela liberdade expressiva irrestrita.

Este tema se aloja nos debates sobre qualidade dos regimes democráticos, inclusive, quando se têm um grande número de grupos da ultradireita emergindo no cenário político com comportamentos intransigentes e voltados à endossar a violência política. O discurso de ódio não só afeta grupos minoritários, ele se torna um desafio latente até para as democracias mais consolidadas.

Na introdução de sua obra, Judith Butler explora a vulnerabilidade linguística e a relação complexa entre linguagem, poder e ferimentos. Isso, porque a linguagem pode infligir feridas e moldar realidades sociais, especialmente, a depender do papel do contexto do discurso de ódio. Em vista disso, a autora compreende o discurso de ódio como uma forma de interpelação que fere e constitui o sujeito.

Todavia, Butler convoca uma reflexão aprofundada sobre a ideia de censurar o discurso de ódio, argumentando que a censura pode ser contraproducente, uma vez que é capaz de reforçar a posição de poder do discurso de ódio e perpetuar seus efeitos prejudiciais. Portanto, sugere que a recirculação do discurso de ódio pode ser uma forma mais eficaz de expor seus efeitos prejudiciais e chamar a atenção para a necessidade de combatê-lo.

Esta sugestão também se encontra no livro “*Hate: Why We Should Resist It with Free Speech, Not Censorship*” de Nadine Strossen, propondo combater o discurso de ódio através do discurso livre e aberto, em vez de recorrer à censura. A proposta é permitir a exposição do discurso de ódio para que a sociedade o desafie e refute. Em vez de censurar o discurso, sua defesa está em ter uma abordagem que envolva a promoção da educação, do diálogo e do debate para combater eficazmente o discurso de ódio na sociedade.

Com isto, o primeiro capítulo explora a performatividade na linguagem de J.L. Austin, investigando como as palavras não apenas significam, mas também realizam ações. É analisada a interação complexa entre linguagem, poder e responsabilidade legal. Como tal, questiona também a atribuição de dano individual, explorando o contexto histórico e comunitário das expressões prejudiciais, destacando as limitações ao processar discursos prejudiciais à medida que examina casos da Suprema Corte sobre discurso de ódio, devido à dificuldade em definir palavras prejudiciais dentro dos limites constitucionais.

Assim como, ressalta a necessidade de entender como a linguagem legal exerce poder prejudicial, criticando a falta de proteção consistente, especialmente contra ameaças racistas.

No segundo capítulo, por sua vez, é abordado a regulamentação do discurso de ódio em contextos públicos. Examina-se o poder atribuído ao discurso, tanto na esfera legal quanto na pública, ao transformar palavras em ações discriminatórias. A análise questiona a distinção entre liberdade de expressão e conduta ofensiva, explorando a complexidade de definir discurso de ódio.

De tal maneira, argumenta-se que a linguagem jurídica, ao focar na injúria como ato, concede ao Estado um papel ativo na definição do que é falado publicamente. A concepção de poder performático e soberano atribuído ao discurso de ódio revela, por sua vez, uma tentativa de resgatar a autoridade do Estado em meio a uma paisagem política fragmentada, desafiando as noções convencionais de poder e discursos injuriosos na sociedade contemporânea.

Para Butler, há uma interseção complexa entre intenção, discurso e ação política. Enquanto alguns argumentam que o discurso deve estar alinhado com intenções claras e unívocas, Butler sugere que a desconexão entre intenção, discurso e ação pode criar espaço para a reinterpretação e a recontextualização. Assim, o capítulo examina como o discurso racista pode ser contestado e despojado de seu poder quando a relação entre fala e intenção é explorada de maneira não convencional. E, também questiona a ideia de consenso em linguagem política, explorando a diversidade e a ambiguidade inerentes ao campo linguístico.

Isso aponta que as tentativas de regular o discurso de ódio podem inadvertidamente perpetuar exclusões e objeções, portanto, é crucial reconhecer a vulnerabilidade linguística como parte do processo democrático.

No terceiro capítulo, é explorado as implicações da recente regulamentação da autodeclaração de homossexualidade no exército dos EUA e como isso afeta a cidadania dessas pessoas. Por isso, a autora propõe uma leitura psicanalítica e alegórica da regulamentação da fala homossexual já que a linguagem é contagiosa e pode ser usada para controlar e restringir a liberdade de expressão.

Assim, a regulamentação da fala homossexual é uma forma de opressão e é uma forma de restringir a liberdade de expressão dos militares sendo, portanto, uma forma de cidadania

parcial. Ou seja, uma forma de controle social e opressão.

O último capítulo versa sobre a relação complexa entre discurso e censura, questiona como a regulação do discurso às vezes pode levar a formas implícitas de censura, a partir de uma discussão acerca da censura sendo usada para promover a igualdade substantiva, mas, que também pode ser usada para restringir a liberdade de expressão.

Por isso, a censura implícita pode ser tão prejudicial quanto a censura explícita, e que a linguagem desempenha um papel fundamental na construção da realidade social. Isso revela a importância de explorar como a linguagem pode ser usada para desafiar as normas sociais e políticas, e como a reutilização de termos pode desestabilizar o sentido de contexto que esses termos invocam.

Embora não apresente uma conclusão específica, a obra seminal de Butler suscita reflexões vorazes de como a censura implícita pode ser tão prejudicial quanto a censura explícita. Desta maneira, sua obra desenha traços críticos do que pode ser evitado para combater o discurso de ódio, especialmente, com o cenário de possíveis colapsos das democracias.

Conforme destaca Levitsky e Ziblatt, já que o discurso de ódio acentua o enfraquecimento das democracias quando opera no contexto da polarização política, onde líderes populistas frequentemente usam retórica divisiva para mobilizar sua base de apoio. Esse tipo de discurso inflamado contribui à polarização e mina ainda mais os fundamentos democráticos, criando divisões profundas na sociedade capazes de zerar a confiança nas instituições democráticas.

Referências

STROSSEN, Nadine. *Hate: Why we should resist it with free speech*, not censorship. Oxford University Press, 2018.

ZIBLATT, Daniel; LEVITSKY, Steven. *Como as democracias morrem*. Rio de Janeiro: Zahar. 2018.



Os artigos publicados na Revista Bindi estão licenciados sob a Licença Creative Commons Attribution 4.0 International (CC BY 4.0).

Autora convidada